

Falar mineiro: trocando meia dúzia por seis

Speaking *mineiro*: six of one, half a dozen of the other

Vanêssa Dornelas¹

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Maria do Carmo Viegas²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo o estudo das variantes *seis* ~ *meia* empregadas por informantes da cidade de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, área considerada de falar mineiro, segundo Zágari (1998). Observamos que existem contextos em que *seis* não varia com *meia*; assim, há condições de variância e de invariância. Para a realização deste estudo, baseamo-nos na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, [1972] 2008). Além dela, adotamos também, para a análise, a Teoria Multissistêmica, conforme Castilho (2010). Consideramos a influência da faixa etária, tendo em vista que esse grupo de fator evidenciará se alguma variante se encontra em progressão. Foram feitas gravações da leitura de sequências numéricas relacionadas a vários temas: números de: telefone, Código de Endereçamento Postal, residência, capítulo de livro, senha de banco, placa de carro, ônibus, revista, indicação de preço, data de nascimento, indicação de horas, nota de prova, idade e código de barras. Observamos indícios de mudança em progresso em relação ao uso da variante *seis* em alguns temas e encontramos indícios de deslexicalização do item *meia*.

Palavras-chave: Seis ~ Meia. Teoria da variação e mudança linguística. Teoria multissistêmica. Falar mineiro.

Abstract: The present study aims to study the six half-variants employed by informants from the city of Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, an area considered to be a mining word, according to Zagari (1998). We observe that there are contexts in which six do not vary with half; thus, there are conditions of variance and invariance. For the accomplishment of this study, we are based on Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, [1972] 2008). Besides it, we also adopted, for the analysis, the Multisystemic Theory, according to Castilho (2010). We consider the influence of the age group, considering that this group of factors will show if any variant is in progression. Recordings were made of the reading of numerical sequences related to various themes: phone numbers, Postal Code, residence, book chapter, bank password, car plate, bus, magazine, price indication, date of birth, indication hours, proof note, age and barcode. We observed signs of change in progress regarding the use of variant six in some subjects and we found evidence of the dyslexicalization of the sock item.

Keywords: Six of one, half a dozen; Theory of variation and linguistic change. Multisystem theory. Speaking *mineiro*.

1. Introdução

¹ Discente, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, MG, Brasil, dornelasvanessa@yahoo.com.br.

² Docente, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, MG, Brasil, mariadocarmo.viegas@gmail.com.

Nesta pesquisa, investigamos a variável *seis* como numeral cardinal empregada por informantes da cidade mineira de Conselheiro Lafaiete, descrevendo e analisando suas variantes: *seis* ~ *meia* ~ *meia dúzia*, no falar mineiro (ZÁGARI, 1998). Como são pouquíssimos os estudos sobre a classe de palavras numerais nos estudos linguísticos, essa variação lexical nos desperta bastante interesse.

O primeiro aspecto a ser abordado é que há os números e os numerais como classe de palavras. Conforme Lima, Carvalho, Wagner e Morgado (2001), os seres humanos começaram a desenvolver a noção de número há cerca de 30 mil anos, por meio da observação de fenômenos astronômicos, daí os números surgiram com a necessidade do ser humano de realizar contagens. O homem, anteriormente, não realizava contagens, uma vez que não necessitava delas; ele apenas buscava, na natureza, o que era necessário para sua sobrevivência. As contagens começaram a existir a partir do momento em que o homem tornou fixa sua moradia e precisou organizar suas atividades: plantar, domesticar animais, construir moradias. Pedras, gravetos, nó em cordas, marcas em pedras e paredes eram utilizados pelo homem para a realização das contagens iniciais.

De acordo com Mol (2013, p. 13),

Pedregulhos, conchas ou grãos, bem como marcas no chão, na areia, em ossos ou madeira, poderiam ser empregados para quantificar o número de pessoas em uma população, de animais em um rebanho [...], no entanto, esse primeiro passo ainda não é suficiente para construir um sistema de contagem. Para tal, seria ainda necessário incorporar a noção de ordem. No processo simples de associar objetos aos dedos das mãos, essa noção aparece ao ordenarmos os dedos, do polegar para o mínimo ou vice-versa. [...] Considerando as evidências de que a contagem iniciou com os dedos, infere-se que a maneira de usá-los foi determinante na escolha das bases para os sistemas numéricos. A base 10, que hoje usamos e que era empregada pelos egípcios antigos, teria origem nos 10 dedos das mãos. [...] *A contagem em dúzias, ou seja, na base 12, pode também ser vista como de natureza antropomórfica: em uma mão, o dedo polegar é usado para contar as 12 falanges dos outros quatro dedos.* (Grifos nossos).

No decorrer do tempo, as quantidades foram aumentando e passaram a ser representadas por expressões, gestos, palavras e símbolos que cada povo desenvolveu de acordo com suas peculiaridades. Dessa representação, surgiram os numerais como palavras de função quantificadora. De acordo com Yuhao (2017, p. 7),

[...] se considerarmos um grupo de vinte e cinco pessoas podemos contar quantas pessoas são; se considerarmos o primeiro lugar de um campeonato logo pensaremos no campeão, isto é, no primeiro; o número seis é o duplo do número três. Nestes casos, a quantificação é definida.

Segundo o autor, nem sempre a quantificação dos numerais é definida. Isso quer dizer que existe uma quantificação indefinida que se opõe a essa. A quantificação indefinida ocorre quando dizemos, por exemplo, ‘Aspectos mil foram analisados’ (muitos aspectos).

A relação do numeral com a indefinição ou indeterminação já deu frutos. No Português, Bechara (2009, p. 153), com relação ao artigo indefinido, afirma que “*um, uma, uns, umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*”.

Conforme Rocha Lima (2013, p. 380-382),

[...] os numerais [...] Podem ser usados individualmente, tendo assim valor de substantivo, ou acompanhados de um substantivo, assumindo dessa forma o valor de adjetivo. [...]

Os numerais cardinais precedem sempre o substantivo: *catorze dias* [...]. Os ordinais colocam-se antes ou depois do substantivo; preferencialmente antes, quando se quer designar as partes antes do todo: No *quinto* mês do ano. (Grifos do autor).

Para Cunha e Cintra (2008, p. 390), “no Brasil, a expressão *meia dúzia* (não raro reduzida a *meia*) substitui o cardinal *seis*, principalmente quando se enunciam números de telefone.”. Interessante notar que os autores colocam *meia dúzia* e *meia* como variantes em uma série numérica e mencionam essas variantes como brasileirismos. Não é nosso propósito aqui verificar a veracidade dessa informação, mas, em consulta ao Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org), não encontramos, em textos portugueses, a variante *meia* com o significado de seis. Encontramos sim a variante *meia dúzia* nos textos portugueses.

Para a realização deste estudo, baseamo-nos na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, [1972] 2008). Objetivamos descrever os contextos de variação em que tais formas coocorrem e, ainda, os contextos em que elas não são variantes de uma mesma variável. Buscamos ainda verificar se há indícios de progressão de algumas das variantes.

Adotamos, no encaixamento dos processos lexicais envolvidos, a Teoria Multissistêmica (CASTILHO, 2010). Nossas principais perguntas são:

- 1) As formas *seis ~ meia ~ meia dúzia* variam em todo e qualquer contexto?
- 2) O item *meia* é mais usado por pessoas idosas do que por jovens, indicando progressão da variante *seis*?
- 3) Quais temas de uma série numérica (número de telefone, CPF etc.) favorecem mais a variante *seis*?
- 4) Podemos falar em indícios de processos de relexicalização e de deslexicalização envolvidos nessa questão?



2. Os modelos teórico-metodológicos

Como dissemos, para a realização deste estudo, baseamo-nos na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]). Neste artigo, observamos especialmente a influência das faixas etárias no processo, querendo saber se há indícios de progressão de algumas das variantes. Além disso, objetivamos descrever os contextos de variação em que tais variantes coocorrem e, ainda, os contextos em que essas formas não são variantes de uma mesma variável.

Consideramos os aspectos enfatizados em Vitral, Viegas e Oliveira (2010, p. 201-202):

Nesta visão, duas premissas são centrais: (1) a heterogeneidade que se observa nas línguas é ordenada, ou seja, é possível estabelecer princípios que as descrevam e as expliquem; (2) a produção das formas de uma língua pelos falantes pode ser variável, o que é tratado, inicialmente, por meio da noção de regra variável e tem, como consequência, a coocorrência de formas intercambiáveis sem que o sentido que se intenta veicular seja prejudicado. De acordo com a fórmula tornada célebre, das formas coocorrentes e concorrentes deve ser aferido o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, o que é condição imprescindível para que ocorra a mudança linguística.

Procuramos indícios de progressão de alguma das variantes, ou seja, focamos na análise de diversas faixas etárias:

Os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são o conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes – gerações de características sociais comparáveis que representam estágios na evolução da mesma comunidade de fala. (LABOV, [1972] 2008, p. 194).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125-126), existem alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística, um deles é o que se segue:

Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

A Teoria Multissistêmica, conforme Castilho (2010), é adotada ao se propor o encaixamento para os processos em questão. Analisamos a possibilidade de se considerarem os processos como relexicalização e/ou deslexicalização das formas em questão.

Castilho (2010) propõe, na abordagem multissistêmica, uma análise que considera os quatro subsistemas da língua, a saber: o léxico, o discurso, a semântica, e a gramática. Os

subsistemas linguísticos, segundo o autor, são regidos por um dispositivo de caráter sociocognitivo, que age sobre a língua, podendo ativar, reativar e desativar as propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais que são independentes entre si.

Segundo Valente (2012, p. 70-71):

A Teoria Multissistêmica considera que a variação, a mudança e o contexto podem interferir na estrutura linguística e a mesma pode ser, então, alterada. Não se tem mais a ideia de que ela é uma estrutura já pronta, pré-moldada e inalterável, pois a interação passa a fazer parte dos estudos linguísticos.

Para Castilho (2010, p. 69),

A teoria multissistêmica funcionalista-cognitivista é definível pelos seguintes postulados: (1) a língua se fundamenta num aparato cognitivo; (2) a língua é uma competência comunicativa; (3) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos; (4) as estruturas linguísticas são multissistêmicas, ultrapassando os limites da gramática; (5) a explicação linguística deve ser buscada numa percepção pancrônica da língua e um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos (6).

A propósito da variação lexical aqui estudada, tomamos os conceitos de lexicalização, deslexicalização e relexicalização de Castilho (2010, p. 110-117):

As comunidades podem deixar de ativar um dado conjunto de propriedades numa dada palavra, selecionando outros conjuntos para esse fim. Isso corresponde à morte das palavras (deslexicalização, que leva à troca de palavra) e ao surgimento de novas palavras (lexicalização por etimologia, por neologismo ou por empréstimo), num processo interminável. Isso significa que as palavras e suas propriedades não são apriorísticas, não representam uma espécie de “pacote” que recebemos pronto, assumindo-se aqui, ao contrário, que esse tipo de conhecimento linguístico é continuamente refeito nas situações concretas da fala. Nossa atitude em relação à língua é sempre dinâmica, criativa. [...]

A reativação lexical (relexicalização) é o movimento mental por meio de que rearranjamos as categorias cognitivas e seus traços semânticos, realocando-as nas palavras, renovando assim o vocabulário.

Consideramos que *meia* em *meia dúzia* é numeral fracionário adjetival (metade), que, posteriormente, tornou-se também numeral cardinal substantivo *meia* (seis). Houve, desse modo, a relexicalização do *meia*, acrescentando ao seu significado fracionário, por metonímia, o significado cardinal substantivo da parte por toda expressão ‘*meia dúzia*’.

Nesta pesquisa, pretendemos verificar especificamente se o item *meia*, cardinal substantivo, vem sendo substituído gradualmente pelo *seis*, o que caracterizaria um processo incipiente de deslexicalização do *meia* como numeral cardinal substantivo, por hipótese.

3. A comunidade de fala, os informantes e a coleta dos dados

3.1 A comunidade de fala pesquisada

Nesta pesquisa, estudamos a comunidade de Conselheiro Lafaiete-MG. Conforme Labov ([1972]2008, p. 150):

Uma comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso, compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua – o que pode ser observado tanto em “comportamentos avaliativos explícitos” como pela uniformidade de padrões abstratos de variação.

De acordo com o site *Biblioteca*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), no catálogo *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, os registros iniciais da história da cidade de Conselheiro Lafaiete datam por volta de 1683. Garcia Rodrigues descreveu o arraial, Campo Alegre dos Carijós, como uma localidade formada por garimpeiros e índios Carijós, pertencentes ao grupo linguístico tupi-guarani, oriundos do litoral fluminense. Em 1790, deu-se início à intensa exploração de riquezas nas minas auríferas da região e como consequência um grande aumento na população da região. Campo Alegre dos Carijós era entrada obrigatória para os bandeirantes que seguiam à Itaverava em busca de ouro. Daí a razão do seu crescimento e desenvolvimento.

Ainda por volta de 1790, o Governador Visconde de Barbacena, a pedido dos moradores de Campo Alegre, submeteu ao Conselho Ultramarino o pedido de criação de uma vila. Assim, a rainha Dona Maria I, que se encontrava enferma no Palácio de Queluz, atendeu ao pedido, e o Arraial dos Carijós tornou-se a “Real Vila de Queluz” (IBGE, 2018).

A Real Vila de Queluz foi elevada à categoria de cidade em 1872. Em 27 de março de 1934, a Comarca de Queluz passou a denominar-se Conselheiro Lafaiete, em homenagem a Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, grande jurista, político e homem de Estado, nascido no município (IBGE, 2018).

Hoje, com uma área total de 370,246 Km², Conselheiro Lafaiete é um município localizado na macrorregião Central de Minas Gerais, na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte e na microrregião de Conselheiro Lafaiete. Dista 96 km de Belo Horizonte. Por estar localizado em uma faixa central do estado, próximo à capital, o município de Conselheiro Lafaiete (MG) insere-se na área de falar mineiro na divisão dos falares mineiros de Zágari (1998).

Conselheiro Lafaiete tem como municípios limítrofes Congonhas, São Brás do Suaçuí, Queluzito, Cristiano Ottoni, Santana dos Montes, Itaverava, Ouro Branco. Segundo os dados do

censo demográfico do IBGE de 2016, Conselheiro Lafaiete possui uma população urbana de 111.266 habitantes e uma população rural de 15.154 habitantes, e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dessa cidade é de 0,761 (IBGE, 2017).

A cidade vem se destacando em virtude das faculdades de Ensino Superior, como CES, FASAR e UNIPAC. Destacam-se ainda, nessa cidade, as empresas MRS Logística (Empresa de Transporte Ferroviário), VSB, CSN, Vale do Rio Doce e Gerdau.

3.2 Os informantes

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dados de fala de informantes que foram selecionados considerando-se os fatores sociais: grupo social, escolaridade, gênero e faixa etária.

A escolaridade e o grupo social foram controlados. Todos os informantes possuem Ensino Médio completo e pertencem ao mesmo grupo social.

Foram estratificadas três faixas etárias, compostas ao total por 12 homens e 12 mulheres, equitativamente distribuídos nas três faixas etárias, a saber: idosos, faixa etária acima de 70 anos; adultos, de 40 a 60 anos; e jovens, de 18 a 25 anos. Ao final contamos, então, com 24 informantes.

Além dos critérios adotados para a escolha dos informantes acima descritos, consideramos ainda que estes devessem ser pessoas nascidas e moradoras da cidade de Conselheiro Lafaiete, com boa dicção e que autorizassem a gravação dos testes.

Nesta pesquisa avaliaremos especialmente o fator faixa etária.

3.3 Os dados

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados por meio de gravações da leitura de números de vários temas. Obviamente a situação de teste de leitura não é a situação de fala cotidiana, mas, considerando que a situação de coleta de dados foi a mesma para todos os informantes, é significativo o fato de haver variação. O teste traz a vantagem de termos maior controle dos dados em questão.

Foram selecionados três números de telefone; três Códigos de Endereçamento Postal (CEPs); um único endereço com cinco números distintos; seis capítulos de livros; quatro senhas de banco; cinco placas de carro, contendo inicialmente letras e números na sequência; cinco



números de linhas de ônibus; três números de revista, cujo nome foi introduzido antes dos seus respectivos números; três valores monetários em Real; três datas de nascimento, contendo dia, mês e ano; três horas; quatro notas de provas; cinco idades distintas; um código de barras; e um ISBN. O número seis foi colocado em posições diversas dentro das sequências numéricas. Vejam-se os quadros abaixo:

Quadro 1 – Números de telefones

Números de telefones	Possibilidades de realizações das variantes
(031) 3762-1265	2
(021) 3576-1679	2
(011) 6583-6196	3
Total de possibilidades de realizações das variantes	7 possibilidades

Quadro 2 – CEPs

CEPs	Possibilidades de realizações das variantes
36.400-000	1
65.390-060	2
16.162-006	3
Total de possibilidades de realizações das variantes	6 possibilidades

Quadro 3 – Endereços

Endereços	Possibilidades de realizações das variantes
Rua Almirante Tamandaré, nº: 3.601	1
Nº: 56	1
Nº: 546	1
Nº: 963.516	2
Nº: 4.063	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	6 possibilidades



Quadro 4 – Capítulos de livros

Capítulos de livros	Possibilidades de realizações das variantes
Capítulo: 6	1
Capítulo: 65	1
Capítulo: 961	1
Capítulo: 0461	1
Capítulo: 16	1
Capítulo: 26	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	6 possibilidades

Quadro 5 – Senhas de banco

Senhas de banco	Possibilidades de realizações das variantes
980619	1
678103	1
975006	1
508671	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	4 possibilidades

Quadro 6 – Placas de carro

Placas de carro	Possibilidades de realizações das variantes
hbw7573	0
kxw5690	1
gky6795	1
hby6018	1
hbo8796	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	4 possibilidades



Quadro 7 – Números de ônibus

Números de ônibus	Possibilidades de realizações das variantes
Ônibus n°: 5461	1
Ônibus n°: 6943	1
Ônibus n°: 3694	1
Ônibus n°: 2186	1
Ônibus n°: 5476	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	5 possibilidades

Quadro 8 – Números de revistas

Números de revistas	Possibilidades de realizações das variantes
Isto é n°: 208.306	1
Veja n°: 563.096	2
Capricho n°: 06.126	2
Total de possibilidades de realizações das variantes	5 possibilidades

Quadro 9 – Preços diversos

Preços diversos	Possibilidades de realizações das variantes
Caixa de bombons: R\$16,06	2
Apartamento: R\$606.600,00	3
Carro: R\$36.200,00	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	6 possibilidades

Quadro 10 – Datas de nascimento

Datas de nascimento	Possibilidades de realizações das variantes
12/04/1965	1



06/12/2006	2
23/06/1986	2
Total de possibilidades de realizações das variantes	5 possibilidades

Quadro 11 – Horas

Horas	Possibilidades de realizações das variantes
16:30	0
22:00	0
18:30	0
6:30	0
Total de possibilidades de realizações das variantes	–

Quadro 12 – Notas de provas

Notas de provas	Possibilidades de realizações das variantes
6,00	1
16,00	1
60,00	1
66,00	2
Total de possibilidades de realizações das variantes	5 possibilidades

Quadro 13 – Idades

Idades	Possibilidades de realizações das variantes
56 anos	1
06 anos	1
96 anos	1
16 anos	1
36 anos	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	5 possibilidades

Quadro 14 – Código de barras

Código de barras	Possibilidades de realizações das variantes
7891234567895	1
Total de possibilidades de realizações das variantes	1 possibilidade

Quadro 15 – ISBN

ISBN	Possibilidades de realizações das variantes
ISBN: 97895635307669789563530766	6
Total de possibilidades de realizações das variantes	6 possibilidades

Vamos, então, à análise da variável em questão na cidade de Conselheiro Lafaiete, MG.

4. A análise dos dados

A primeira constatação nos nossos dados foi que a variante *meia dúzia* não ocorreu. Ao iniciarmos nosso trabalho, nossa expectativa era de encontrar todas as três variantes, mas não foi o que aconteceu. Analisamos várias séries numéricas relacionadas a vários temas, como telefones, senhas etc., e nenhum informante, em nenhum dos temas, realizou a variante *meia dúzia*, diferentemente do que foi mencionado por Cunha e Cintra (2008), citado anteriormente. Assim, no **contexto de série numérica**, a variável *seis* em questão tem apenas duas variantes: *meia e seis* nos nossos dados.

Em outros contextos, a variável *seis* tem *seis e meia dúzia de* como variantes – “Comprei *meia dúzia de ~ seis* bananas.” –, mas não temos aí *meia* como variante. Ou ainda temos como resposta à pergunta “Quantas bananas comprou? *Seis ~ meia dúzia.*”, mas não *meia* (significando *seis*).

É importante ressaltar que, depois da transcrição de todos os dados, separamos os itens que não eram variáveis; por exemplo, no número de telefone: (031) 6583-6196, quando o informante lê ‘noventa e seis’, é notório que não há variação com ‘noventa e meia’. Então esse

dado desse informante foi separado.

Salientamos que o número de dados não é o mesmo para todos os informantes, visto que as pessoas não leram os números da mesma maneira. Exemplo: *ônibus 66* pode ser lido como *ônibus meia meia* ou *ônibus sessenta e seis*, entre outras possibilidades (*ônibus meia seis*; *ônibus seis meia*; *ônibus seis seis*). No caso da leitura *sessenta e seis*, o *seis* não varia com o item *meia*.

Como dissemos, consideramos que *meia* em *meia dúzia* é numeral fracionário adjetival (metade) e, posteriormente, tornou-se também numeral cardinal substantivo *meia* (6). Houve, desse modo, a relexicalização do *meia*, acrescentando ao seu significado fracionário, por metonímia, o significado cardinal substantivo da parte por toda expressão *meia dúzia*.

Nesta pesquisa, como vimos, pretendemos verificar especificamente se o item *meia*, cardinal substantivo, vem sendo substituído gradualmente pelo *seis*, o que caracterizaria um processo incipiente de deslexicalização do *meia* como numeral cardinal substantivo. Poderíamos propor, considerando os preceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, as seguintes etapas para o contexto de séries de números:

1) *Seis ~ Meia dúzia* > 2) *Seis ~ Meia dúzia ~ Meia* > 3) *Seis ~ Meia* > 4) *Seis*

A etapa 1, como relatamos, seria a etapa encontrada nos textos portugueses do Corpus do Português, nos quais a variante *meia* não foi encontrada. Quando Cunha e Cintra (2008) disseram ser usual, no Brasil, a variação *meia dúzia ~ meia ~ seis*, especialmente em números de telefones, talvez estivessem descrevendo a etapa 2. Nossa hipótese hoje é a de que estamos passando da etapa 3 para a 4.

Vejam-se os dados:

Tabela 1 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Números de telefone’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	2 (6,06%)	31 (93,9%)	33
Adultos	1 (2,32%)	42 (97,67)	43
Idosos	0	30 (100%)	30
Total	3	103	106
Percentual total	2,83%	97,17%	100

Para o tema Números de telefone, a variante *meia* é a forma mais utilizada em todas as faixas etárias em análise. Há um uso maior do *seis* nos mais jovens. Ligeiro indício de progressão do *seis*.

Tabela 2 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘CEPs’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	2 (20%)	8 (80%)	10
Adultos	0	18 (100%)	18
Idosos	4 (25%)	12 (75%)	16
Total	6	38	44
Percentual total	13,64%	86,36%	100

No tema CEPs também a variante *meia* foi a mais utilizada. Não há indício de progressão de nenhuma variante.

Tabela 3 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Números de endereços’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	1 (25%)	3 (75%)	4
Adultos	0	2 (100%)	2
Idosos	3 (23,07%)	10 (76,92%)	13
Total	4	15	19
Percentual total	21%	79%	100

Meia foi a variante mais usada. Não podemos falar em progressão de variantes.

Tabela 4 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Capítulos de livros’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	9 (56,25%)	7 (43,75%)	16
Adultos	8 (44,4%)	10 (55,5%)	18
Idosos	9 (39%)	14 (61%)	23



Total	26	31	57
Percentual geral	45,61	54,39	100

Meia foi a variante mais usada. Os jovens apresentaram o percentual mais alto de *seis*. Assim, temos indício de progressão do *seis*.

Tabela 5 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Senhas de banco’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	15 (55,5%)	12 (44,4%)	27
Adultos	4 (13,8%)	25 (86,2%)	29
Idosos	10 (38,4%)	16 (61,5%)	26
Total	29	53	82
Percentual geral	35,4	64,6%	100

Meia foi a variante mais usada. Não há indício de progressão de nenhuma das variantes.

Tabela 6 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Placas de carro’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	4 (26%)	11 (74%)	15
Adultos	3 (13,6%)	19 (86,3%)	22
Idosos	3 (23%)	10 (77%)	13
Total	10	40	50
Percentual geral	20	80	100

Meia foi a variante mais usada. Não há indício de progressão de nenhuma das variantes.

Tabela 7 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Linhas de Ônibus’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	6 (31,6%)	13 (68,4%)	19
Adultos	4 (22,2%)	14 (77,8%)	18
Idosos	0	17 (100%)	17

Total	10	44	54
Percentual geral	18,5	81,5	100

Meia foi a variante mais usada. Há indício de progressão do *seis*.

Tabela 8 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Números de revistas’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	5 (83,3%)	1 (16,7%)	6
Adultos	1 (16,7%)	5 (83,3%)	6
Idosos	9 (64,3%)	5 (35,7%)	14
Total	15	11	26
Percentual geral	57,7	42,3	100

Esse é o primeiro tema em que o percentual de *seis* é maior que o percentual de *meia*. Não há indício de progressão.

Tabela 9 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Preços Diversos’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	0	0	0
Adultos	0	0	0
Idosos	4 (100%)	0	4
Total	4	0	4
Percentual geral	100	0	100

Não houve variação. Apenas o *seis* foi usado.

Tabela 10 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Datas de Nascimento’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	0	0	0
Adultos	0	1 (100%)	1
Idosos	3 (100%)	0	3

Total	3	1	4
Percentual geral	75	25	100

A variante *seis* foi a mais usada. São poucos dados.

Tabela 11 – Total geral e percentual geral das variantes em ‘Horas’

	Seis	Meia
Total geral	0	0
Percentual geral	0%	0%

No tema Horas, a variável não ocorreu.

Tabela 12 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Notas de Prova’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	0	0	0
Adultos	0	0	0
Idosos	5 (38,5%)	8 (61,5%)	13
Total	5	8	13
Percentual geral	38,5	61,5	100

Apenas os idosos realizaram a variável, com maior percentual para o *meia*.

Tabela 13 – Total geral e percentual geral das variantes em ‘Idades’

	Seis	Meia
Total geral	0	0
Percentual geral	0%	0%

Não ocorreu a realização da variável em relação ao tema idades.

Tabela 14 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em ‘Código de barras’

Faixa etária	Seis	Meia	Total
---------------------	-------------	-------------	--------------

Jovens	3 (42,8%)	4 (57,2%)	7
Adultos	0	7 (100%)	7
Idosos	2 (29%)	5 (71%)	7
Total	5	16	21
Percentual geral	23,8	76,2	100

Meia foi a variante mais usada. Não há indício de progressão de nenhuma das variantes.

Tabela 15 – Ocorrências das variantes de acordo com a faixa etária em 'ISBN'

Faixa etária	Seis	Meia	Total
Jovens	25 (65,8%)	13 (34,2%)	38
Adultos	12 (30%)	28 (60%)	40
Idosos	14 (36,8%)	24 (63,2%)	38
Total	51	65	116

Meia foi a variante mais usada. Não há indícios de progressão.

Concluindo, podemos afirmar que *meia*, de modo geral, é a variante mais usada. Encontramos indícios de progressão de *seis* em relação a Números de telefones, Capítulos de livros e Linhas de ônibus, e, no caso dos temas Número de revistas e Datas de nascimento, essa variante (*seis*) foi a mais utilizada. Já no tema Preços diversos, não há variação, há apenas o uso de *seis*.

Não há tema em que se use apenas *meia*. Não há indício de progressão de *meia* em nenhum tema. Em Horas e Idades a variável não ocorreu. Por outro lado, a variação se apresenta estável em: ISBN, Notas de provas, Senhas de banco, Código de barras, Endereços, Placas de carro e CEPs.

Vejam-se os percentuais do uso de *seis* em ordem decrescente.

Tabela 16 – Uso de *Seis*

Temas	Percentuais
Preços Diversos – Não há variação – apenas <i>seis</i>	100%
Datas de Nascimento – uso maior de <i>seis</i>	75%



Número de Revistas – uso maior de <i>seis</i>	57,7%
Capítulos de Livros – uso maior de <i>meia</i> ; <i>seis</i> em progressão	45,61%
ISBN – uso maior de <i>meia</i>	44%
Notas de Prova – uso maior de <i>meia</i>	38,5%
Senhas de banco – uso maior de <i>meia</i>	35,4%
Código de Barras – uso maior de <i>meia</i>	23,8%
Números de Endereços – uso maior de <i>meia</i>	21%
Placas de Carro – uso maior de <i>meia</i>	20%
Número de Linhas de Ônibus – uso maior de <i>meia</i> <i>seis</i> em progressão	18,5%
CEPs – uso maior de <i>meia</i>	13,64%
Números de Telefone – uso maior de <i>meia</i> ; <i>seis</i> em progressão	2,83%
Horas – nem <i>seis</i> , nem <i>meia</i>	0
Idades – nem <i>seis</i> , nem <i>meia</i>	0

A variação *seis* ~ *meia* ocorre em percentuais semelhantes em grandes séries numéricas, de modo geral, como podemos ver na leitura do ISBN e das Senhas de banco. Temos exceção em Notas de provas, em que o percentual das variantes pode ser considerado equilibrado.

A ocorrência das variantes depende também de como as pessoas dividem as séries. Em Horas e Idades não houve a leitura separada dos números, tirando a oportunidade das variantes ocorrerem.

Em Preços, Datas de nascimento, Número de revistas e Capítulo de livro houve um uso exclusivo ou um alto percentual do *seis*. Em Capítulo de livro o *seis* está em progressão.

Em Número de telefone, CEPs, Linhas de ônibus, Placas de carro, Endereços e Código de barras há uso preponderante do *meia*. O *seis* está em progressão em número de telefone e Linhas de ônibus.

Assim, podemos dizer que o *meia* se apresenta mais firmemente variando com o *seis* em: ISBN, Senhas de banco, Notas de provas, CEPs, Placas de carro, Endereços e Códigos de barra. Ou seja, quando temos a leitura de séries maiores (ISBN, Senhas de banco, CEPs, Placas de carro (combinação de letras e números) e Códigos de barras), quando os números se realizam como cardinais substantivos típicos, o *meia* tem realização mais alta. Só em Notas de provas e

Endereços, que não são séries longas, o percentual de *meia* é alto. Em relação aos Números de telefone, série que pode ser considerada longa, apesar de percentual alto do *meia*, há indícios de progressão do *seis*.

Nos outros casos, Horas, Idades, Preços, Datas de nascimento, Números de revistas, Capítulos de livro, Linhas de ônibus, séries normalmente menores, as variantes ou não ocorreram, ou tem alto percentual de *seis*, ou o *seis* está em progressão.

Observamos indícios de um processo incipiente de deslexicalização do item *meia*. O *meia* numeral possui os significados de *metade* e *seis*. Neste texto confrontamos as variantes *meia* e *seis*. A variante *meia* foi observada em menor percentual nos mais jovens, comparativamente aos adultos e idosos, em alguns temas. Não houve nenhum indício de progressão do item *meia*. Consideramos que na deslexicalização as comunidades deixam de ativar um dado conjunto de propriedades numa dada palavra, selecionando outros conjuntos para esse fim - o que leva à troca de palavra. Podemos dizer que, na comunidade pesquisada, as pessoas estão trocando *meia* por *seis*.

5. Considerações finais

Analisamos, nesta pesquisa, o uso da variável *seis* na Cidade de Conselheiro Lafaiete, MG.

Em alguns contextos, a variável *seis* tem *seis* e *meia dúzia de* como variantes – “Comprei *meia dúzia de* ~ *seis* bananas.” –, mas não temos aí *meia* como variante. Ou ainda temos como resposta à pergunta “Quantas bananas comprou? *Seis* ~ *meia dúzia*.”, mas não *meia* (significando *seis*).

Quando temos o *seis* na composição de outros números (noventa e *seis*, por exemplo), não há variação com *meia*, nem com *meia dúzia*.

No contexto de série numérica, a variável *seis* em questão tem, nos nossos dados, apenas duas variantes: *meia* e *seis*.

Observamos inicialmente que a variante *meia* ocorre mais quando as pessoas falam isoladamente os números organizados numa longa sequência.

Assim, podemos afirmar que as formas *seis* ~ *meia* não variam em todo e qualquer contexto. Nas séries numéricas, a extensão da série e a maneira como as pessoas segmentam a série são fatores importantes. Assim, determinados temas, devido a sua extensão, não propiciam

a variação (Horas, Idades e Preços Diversos etc.) e o *seis* é mais realizado nesses contextos.

Encontramos uso preponderante do *meia*, de modo geral, nas séries numéricas longas.

Evidenciamos a progressão do *seis* em Números de telefones, Capítulos de livros e Linhas de ônibus. Mas não encontramos progressão do *meia*.

Consideramos que *meia* em *meia dúzia* é numeral fracionário adjetival (metade) e, posteriormente, se tornou também numeral cardinal substantivo *meia* (seis), havendo, desse modo, a relexicalização (CASTILHO, 2010) do *meia*, acrescentando ao seu significado fracionário, por metonímia (parte pelo todo), o significado cardinal substantivo da parte por toda expressão '*meia dúzia*'. Nesse momento (etapa 2), passamos a ter para o item *meia* não só o significado de metade, mas também de *seis*. A relexicalização é o movimento mental por meio de que rearranjamos as categorias cognitivas e seus traços semânticos, realocando-os nas palavras, renovando assim o vocabulário.

Nesta pesquisa, verificamos especificamente que o item *meia*, cardinal substantivo, vem sendo substituído gradualmente pelo *seis*, o que caracterizaria um processo incipiente de deslexicalização (CASTILHO, 2010) do *meia* como numeral cardinal substantivo.

Poderíamos propor, considerando os preceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, as seguintes etapas para o contexto de séries de números:

1) *Seis ~ Meia dúzia* > 2) *Seis ~ Meia dúzia ~ Meia* > 3) *Seis ~ Meia* > 4) *Seis*

Encontramos indícios da hipótese de que estamos passando da etapa 3 a 4.

A etapa 1, como relatamos, seria a etapa encontrada nos textos portugueses do Corpus do Português, nos quais a variante *meia* não foi encontrada. Quando Cunha e Cintra (2008) disseram ser usual, no Brasil, a variação *meia dúzia ~ meia ~ seis*, especialmente em números de telefones, talvez estivessem descrevendo a etapa 2.

Voltando às perguntas iniciais, vejamos:

- 1) As formas *seis ~ meia ~ meia dúzia* variam em todo e qualquer contexto?
Não. As formas em questão não são variantes da mesma variável em todo e qualquer contexto. Como vimos, também, as variantes encontradas em séries numéricas são *meia* e *seis* apenas.
- 2) O item *meia* é mais usado por pessoas idosas do que por jovens, indicando progressão da variante *seis*?
Sim, em alguns temas.



3) Quais temas de uma série numérica poderíamos dizer que favorecem mais a variante *seis*?

Preços diversos; datas de nascimento; número de revistas; capítulos de livros; linhas de ônibus; telefone.

4) Podemos falar em indícios de processos de relexicalização e de deslexicalização envolvidos nesta questão?

Sim, como vimos, houve a relexicalização do *meia* de metade para metade e seis. Hoje encontramos indícios de deslexicalização do *meia* como seis.

Referências

- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS – ALMG. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/info_sobre_minas>. Acesso em: 20/06/2017.
- BECHARA, Evanildo Cavalcante. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUIN, Edilaine. Abordagem Multissistêmica da Língua e episódios de construção da concordância na aquisição da escrita. *Arredia: Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD*. Grande Dourados. v. 4, n. 7, p. 24-34, Jul./ Dez. 2015.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. São Paulo: Iozon Editor, 1968.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COELHO, Sueli Maria (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística)
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.com>>. Acesso em: 22/06/2017.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Biblioteca*. Catálogo: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXIV, ano 1958. Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais – MG, Histórico. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/conselheirolafaiete.pdf>>. Acesso em: 30/05/2018.
- LABOV, William (1972). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LIMA, Elon Lages; CARVALHO, Paulo César Pinto; WAGNER, Eduardo; MORGADO, Augusto César. *A Matemática do Ensino Médio*. Volume 1. Sociedade Brasileira de Matemática, 2001. (Coleção do Professor de Matemática)
- MOL, Rogério Santos. *Introdução à história da matemática*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. 138 p.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PREFEITURA DE CONSELHEIRO LAFAIETE. Minas Gerais. *História de Conselheiro Lafaiete*. Disponível em <<http://conselheirolafaiete.mg.gov.br/portal/historia/>>. Acesso em: 25/06/2017.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- VALENTE, Ana Carolina Mrad de Moura. *Loucura, Loucura, Loucura!*: Uma análise pela abordagem multissistêmica do sufixo nominalizador-URA no português, 2012, 193 f., (Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- VITRAL, Lorenzo Texeira; VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel de. Inovação versus Mudança: a interseção Gramaticalização/Teoria da Variação e Mudança. In: VITRAL, Lorenzo Texeira; COELHO, Sueli Maria. (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.
- WWW.corpusdoportugues.org

YUHAO, Han. *Quantificação e numeração em Português e Mandarim: análise linguística e cultural*, 2017, 74 f., (Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas), Universidade de Aveiro, Aveiro.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998.

[RECEBIDO: agosto/2018]

[ACEITO: novembro/2018]